

## VIAGENS ALÉM DE SI: UMA VISÃO ALUCINADA EM *FICÇÕES*

Fabiano Venturotti (Mestre em Estudos Literários, UFES)

[fabianoventurotti@bol.com.br](mailto:fabianoventurotti@bol.com.br)

**RESUMO:** *Ficções*, obra que concedeu fama internacional a Borges, amplia a temática da literatura fantástica através de um jogo de imagens e da reflexão filosófico-literária. Sua criação literária assume a viagem como tema inerente à condição humana, sempre disposta ao confronto com a realidade imediata. Por este viés, visualiza, pela estética, um universo à parte e encoberto pela racionalidade, preso, muitas das vezes, às sensações ou à lógica racional. Neste artigo, analisaremos cinco dos sete contos que compõem a primeira parte de *Ficções*, onde o autor revisita as noções tradicionais de espaço e tempo, concebendo uma nova forma de autoria, aproximando autor e leitor na prática da impessoalidade da escrita.

**Palavras-chave:** imaginação, viagem, memória, tempo, intertextualidade

O tema da viagem foi classificado na *Teoria da literatura* de Vitor Manuel de Aguiar e Silva como um dos planos temáticos da criação literária, ligada à evasão, que nas palavras do crítico

significa sempre a fuga do eu a determinadas condições e circunstâncias da vida e do mundo e, correlativamente, implica a procura e a construção de um mundo novo, de um mundo imaginário, diverso daquele de que se foge, e que funciona como sedativo, como ideal de compensação, como objectivação de sonhos e de aspirações. (SILVA, 1976, p. 100-101).

Se nalgumas obras, a evasão, tematizada em viagem, exprime-se como dispersão num espaço geográfico conhecido, não raras vezes pode assumir a necessidade de criação de um ambiente espacio-temporal muito diverso daquele assimilado pela nossa experiência. Essa observação inicial aplica-se à obra do argentino Jorge Luis Borges (1899-1986), assinalada por Adolfo Bioy Casares como um novo gênero literário, destinado a “leitores intelectuais, estudiosos de filosofia, quase especialistas em literatura”. (CASARES apud ARRIGUCCI, 2001, p. 11). Afirmativa um tanto quanto pretensiosa, mas sagaz pela análise que detectou na junção de gêneros – ensaio e ficção – o teor intelectual e filosófico de seus escritos.

*Ficções*, obra escrita entre os anos de 1935 e 1944, pela vastidão de temas e imagens exploradas, é aqui analisado sob uma chave de leitura possibilitando, como Ariadne, a saída do dédalo literário criado pelo arquiteto Borges. A fronteira entre o ficcional e o real, característica de seus contos, foi lugar-comum de uma crítica que analisou o autor a partir de “uma visão alucianada do universo”. (ARRIGUCCI, 2001, p. 23). Entretanto, Borges aplicava em seus contos aquilo que já fora alvo de exames desde quando Aristóteles afirmou ser a poesia mais filosófica que a narrativa histórica. Pelo fato de abarcar tanto “o que foi” quanto “o que poderia ter sido”, o poeta utiliza-se de eventos reais ou não em sua composição, seguindo apenas as regras de coerência e necessidade (ARISTÓTELES, 2004, p. 43-45).

Enquanto ao poeta cabe operar numa ação criativa/criadora e ao historiador compete apenas o relato dos acontecimentos ocorridos num determinado espaço e tempo, sem poder alterar sua organização, causalidade e ocorrência, o estagirita pôde delimitar as fronteiras entre poesia e história (MACHADO, 2001). Na mesma esteira seguiu o argentino, que no prefácio de suas *Obras completas* pergunta: “Será preciso

explicar que sou o menos histórico dos homens?” (BORGES apud ARRIGUCCI, 2001, p. 24).

Nosso campo de análise está delimitado à obra *Ficções*, mais particularmente cinco dos sete contos que compõem a primeira parte, cujo título, “O jardim de veredas que se bifurcam”, marca o ritmo e o tom da nossa investigação. Escolhemos um tema, o da viagem, e a partir dele analisamos sua confluência no corpus literário em questão.

Abrimos nossa pesquisa com “Pierre Menard, autor do Quixote” onde o narrador começa por descrever cronologicamente todos os trabalhos realizados pelo imaginário “segundo autor” quixotesco: monografias, traduções, obras, sonetos. Dito isto, revela o esforço de Menard em produzir uma obra cujo conteúdo será o capítulo nono e trigésimo oitavo da primeira parte de *Dom Quixote de la Mancha* e um fragmento do capítulo vinte e dois.

O método inicial que imaginou era relativamente simples. Conhecer bem o espanhol, recuperar a fé católica, guerrear contra os mouros ou contra o turco, esquecer a história da Europa entre os anos de 1602 e de 1918, ser Miguel de Cervantes. (BORGES, 2001, p. 57-58).

A viagem empreendida por Menard supõe a transgressão temporal da realidade e dos limites humanos, evidenciando o contexto de uma narrativa apoiada no tempo cronológico não-linear e cíclico. Já que JOSEF (1996, p. 47) anunciou ser a obra estética de Borges uma tentativa de desconstruir a noção de sujeito, anunciando com isso a pós-modernidade, não fica difícil observar na estrutura deste conto certa crise de representação e do sujeito. Em “Pierre Menard, autor do Quixote” parece haver uma espécie de quebra no paradigma temporal, afirmando que, pela memória contínua presente no ser humano, aquela obra, filha de seu tempo, o Quixote do século XVII, era razoável também no século XX.

A nova técnica de Menard enriqueceu “a arte fixa e rudimentar da leitura” e deu novo sentido à questão de autoria, “técnica do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas”. (BORGES, 2001, p. 63). A obra borgeana, além de expressar-se como intertextual, abrange a chamada impessoalidade na escrita, abolindo ou negando as noções tradicionais do espaço e do tempo. Do exposto até aqui, conclui-se:

a produção literária não pode ser “criação”, mas sim “repetição”, não pode ser “invenção”, mas “redação”, não pode ser “escritura”, mas “leitura”. Por isso, sua poética é, decisivamente, uma poética da leitura. (MONEGAL, 1980, p. 122).

A incompreensível hipótese de Borges ao mostrar a “loucura” de Pierre Menard vai desvelando-se à medida que o conto reflete pormenorizadamente sua concepção de autoria, revitalizando o papel do leitor como sujeito ativo e não simplesmente como receptor. Menard, leitor do romance *Dom Quixote de la Mancha*, deseja literalmente reescrever o texto, acreditando possuir não apenas o direito de interpretar aquilo que leu, mas “a capacidade de suplementar, pelo ato de ler, o romance de Cervantes”. (CARNEIRO, 2001, p.73). Menard, após descobrir o status da inventividade oferecido ao leitor, reclama agora outro direito fundamental: provar a inexistência de valor entre o autor e o leitor. A perpetuação do autor depende exclusivamente da memória que o leitor subsequente lhe confere. Neste ínterim

[...] seu projeto parece dizer que a diferença entre o ato da escrita e o ato da leitura está apenas no fato, circunstancial, de ter sido um o que sentou-se e combinou as palavras formando um objeto, e em um momento diferente ter sido outro aquele que deu vida a esse objeto. (CARNEIRO, 1999, p. 74).

O exemplo torna-se claro quando ao iniciar sua obra, Menard repete uma passagem, palavra por palavra da obra de Cervantes. Embora usando os mesmos significantes, escrevem cada um a sua coisa dizendo-nas diferentemente cada qual.

“...[A] verdade, cuja mãe é a história, êmula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro.” (BORGES, 2001, p. 61). A história é mãe da verdade: “idéia assombrosa”, comenta o narrador. Não poderia ser outra a interferência se no mesmo período William James indaga-se sobre o fenômeno da crença ou verdade: “Sob quais circunstâncias pensamos ser as coisas reais?”. [...] Provocadora do ‘sentido de realidade’, a crença é a condição para o consentimento que, de sua parte, provoca ‘a cessação da agitação teórica’. (...) A crença, portanto, postula a ‘absoluta realidade’ de algo. (JAMES apud LIMA, 2003, p. 22-23). A verdade não é de fato aquilo que realmente aconteceu, mas o que julgamos ter acontecido.

Sugerindo uma reflexão mais desafiadora no conto “O jardim de veredas que se bifurcam”, Borges explora a possibilidade de questionar as noções tradicionais de um tempo uniforme e absoluto, advertindo ser este conto “uma enorme charada, ou parábola, cujo tema é o tempo”. (BORGES, 2001, p. 112). Através de uma perspectiva filosófico-literária, Borges acentua sempre mais o papel do leitor a partir da função da escrita, que em sua perspectiva, tem um papel subordinado ao leitor.

Um escrito cria possibilidades de interpretação porque o momento de sua criação está limitado e fixo no seu tempo, mas em contrapartida, “o tempo da leitura é infinito e será enriquecido pela memória dos leitores. [...] Um tempo e um espaço se abrem, interminavelmente, desgarrando-se do real e do histórico, realizando-se no infinito e regidos por leis próprias”. (JOSEF, 1999). A desconstrução do tempo cronológico conduz-nos à refletir sobre a desintegração dos limites do tempo e do sujeito, prisioneiros de pressupostos culturais que, no conto “Tlön, Uqbar; Orbis Tertius”, assume sua máxima encenação literária.

Em suma, este conto suscita a experiência do narrador que, após um jantar com Bioy Casares, trava extensa polêmica sobre a elaboração de um romance em primeira pessoa e um local denominado Uqbar. Embora viesse à memória de Casares a citação de um heresiarca daquele local declarando “que os espelhos e as cópulas são abomináveis, porque multiplicam o número dos homens”. (BORGES, 2001, p. 32), o mesmo não conseguiu definir qual seria a localização exata de Uqbar, improvisando a informação de que seria uma região do Iraque ou da Ásia Menor.

No dia seguinte, Bioy telefona e confirma a existência de um artigo sobre Uqbar, no volume XXVI da *Anglo-American Cyclopaedia*. Após várias pesquisas com a finalidade de esgotar o tema, chegam à seguinte conclusão: Uqbar é um país do planeta Tlön. Dois anos após estas investigações, cai nas mãos do narrador o décimo primeiro volume de *A first encyclopaedia of Tlön*. Quem seriam os inventores de Tlön e o que pretendiam argumentar?

Em princípios do século XVII, numa noite de Lucerna ou de Londres, começou a esplêndida história. Uma sociedade secreta e benévola [...] surgiu para inventar um país. A obra não pactuará com o impostor Jesus Cristo, [...] mas quer demonstrar ao Deus não existente que os homens mortais são capazes de conceber um mundo. (BORGES, 2001, p. 46-47).

A obra consistiria na composição de quarenta volumes, sugerindo uma enciclopédia metódica do planeta ilusório, onde trezentos colaboradores deste empreendimento seriam os revisores finais. A redação da obra não seria mais em inglês, mas numa das línguas de Tlön, e à revisão do mundo ilusório chamá-la-iam provisoriamente de *Orbis Tertius*.

Em nome de uma certeza, a de que todas as obras são a obra de um só autor intemporal e anônimo, os escritores de Tlön não assinam os seus livros. Tlöniano por

excelência foi Pierre Menard, empreendendo recriar, “com seus próprios meios e sem anacronismo de pensamento, as duas partes do *Quixote*”. (GENETTE, 1972, p. 123).

A assinatura, a singularidade dos nomes é uma ilusão moderna que encobre o fato de que cada autor é muitos autores e que aquilo que constitui a literatura é muito mais a cadeia de repetições e a sucessão de formas impessoais do que o eco repercutindo nomes próprios. Escrever é perder o poder de dizer “eu”. Virar autor, *auctor*, é propriamente dispor-se a servir as palavras, crescer (*augere*) seu império. (SCHNEIDER, 1990, p. 73).

Uma das bases críticas para avaliar a narrativa borgeana sustenta-se no fato de o presente ser o único tempo dado a conhecer, fornecendo a visão da literatura como espaço homogêneo e reversível onde as particularidades individuais e as precedências cronológicas são vazias de significado (GENETTE, 1972, p. 123). O passado já foi um presente vivido em certo momento e o futuro chegará como presente, assim, viver num presente isolado de qualquer índice temporal consiste, a priori, na condição da espécie humana (SANTOS, 2004). A nova percepção borgeana cria um universo atemporal onde não cabe a sucessão dos fatos, mas a afirmação de que tudo acontece por primeira vez, descrito no instante mesmo e separados um dos outros, sem possibilidade de transcendência.

Explicar (ou julgar) um fato é uni-lo a outro; essa vinculação, em Tlön, é um estado posterior do sujeito, que não pode afetar ou iluminar o estado posterior. [...] Uma das escolas de Tlön chega a negar o tempo: argumenta que o presente é indefinido, que o futuro não tem realidade senão como esperança presente, que o passado não tem realidade senão como lembrança presente. (BORGES, 2001, p. 40-41).

“Uqbar, Tlön; Orbis Tertius” figura numa viagem estético-literária, explicitando uma reformulação das categorias de tempo e espaço, anunciadas por Kant como necessidades a priori do conhecimento humano. Sem os limites que lhe definem como

sujeito (espaço e tempo), o ser humano torna-se um ser vazio de significados e despersonalizado. Do ponto de vista da doutrina de *Tlön*, perceberemos o indivíduo imerso num mundo sem totalidade, dissolvido numa fragmentação de fatos, esvaziando o “eu” de suas categorias a priori e permitindo o surgimento de novos paradigmas, expulsando para longe a canonicidade de verdades.

Representando literariamente, numa viagem fantástica, um mundo possível, mas inadequado ao nosso modelo cultural, Borges aplica à sua literatura uma leitura metafísica sobre as condições que a linguagem pode criar: realidades fantásticas e irreais. Contudo, a encenação literária simulada por Borges não pode ser apenas interpretada como irreal, mas como hiper-real, já que sua pretensão é postular uma verdade tal qual a realidade referencial (BAUDRILLARD, 1991). Neste universo hiper-real, o mundo representado toma conta de si mesmo, surgindo dentro de sua própria lógica interna, criado pela discursividade do próprio ser humano.

Ao sugerir certa impotência humana na interpretação das leis regentes na ordem dos fatos, só lhe restaria inventar sua própria realidade, ordenada segundo as leis que o próprio ser humano pudesse traduzir e conhecer. *Tlön* apresenta-se como este lugar criado pela mente humana com leis acessíveis à sua episteme. “O mundo será *Tlön*” afirma Borges no final do relato, futurando que a estrutura do universo por nós habitados reger-se-á sempre pelo discurso mais adequado às nossas necessidades. Assim, o contexto da literatura borgeana sugere sempre a irrealidade como linguagem própria do real, visto que o esforço do espírito humano em compreender e interpretar o universo simula a adequação do objeto à mente (JOSEF, 1999).

Se a narrativa “*Uqbar, Tlön; Orbis Tertius*” possui a característica de organização criada e acessível à mente humana, o conto “*A Biblioteca de Babel*” complementa esta

idéia. Dois axiomas fundamentam a existência desta narrativa. 1) A Biblioteca existe *ab aeterno* e, 2) o número de símbolos ortográficos é vinte e cinco. Estas leis internas sugerem a ciclicidade do tempo e a intertextualidade literária, visto que, apesar de usarem poucos sinais ortográficos, “não há, na vasta Biblioteca, dois livros idênticos”. (BORGES, 2001, p. 95).

A discussão sobre o conceito de intertextualidade revelou-se, no decurso das três últimas décadas, como um dos conceitos de maior circulação e, necessariamente, equívocos. Júlia Kristeva, analisando a obra de Bakhtine, reconheceu a peculiaridade de uma força dinâmica no texto literário, reconhecendo-o como lugar de “diálogo, troca e interpenetração de uns textos noutros textos”. (REIS, 2003, p. 186). Ao escrever seu texto literário, o autor confronta-se, de maneira consciente, com textos anteriores, os quais ele pode negar, deformar ou revitalizar, pois

todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla. (KRISTEVA, 1974, p. 64).

Cada escritor só faz repetir os seus antecessores, anulando o princípio de identidade. Toda literatura apóia-se nas anteriores e por isso a negação da originalidade é essencial, donde se conclui que quase nada pode considerar-se patrimônio individual. Cada livro só tem significação na sua relação com outros (JOSEF, 1999).

Em seu livro *Seis propostas para o novo milênio*, Calvino retoma um dos temas mais caros a Borges: a construção do mundo como uma biblioteca. A interação social permite uma combinatória de experiências e informações tão rica que podemos nos definir como uma biblioteca pessoal. “Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser

continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.” (CALVINO, 2003, p. 138).

A conclusão a que chega Borges em “A Biblioteca de Babel” complementa em partes a reflexão de “Pierre Menard, autor de Quixote”. “Conheço distritos em que os jovens se prostram diante dos livros e beijam com barbárie as páginas, mas não sabem decifrar uma única letra.” (Borges, 2001, p. 100). Ao contrário de Menard, estes idólatras transformam as letras em fetiches e reverenciam os escritores como seres supremos, não chegando à conclusão de que cada leitura é única e irrepetível, desconstruída para se reconstruir no tempo próprio do leitor/autor. A crítica literária surgida desta perspectiva é a do encantamento pela dependência dos intelectuais. Para Borges, aqueles que “inventam” não são melhores em vista daqueles que “assimilam” o conteúdo, porque “a mais delicada e central operação dentre todas as que contribuem à escrita de um livro é a leitura”. (MONEGAL, 1980, p. 81).

O tempo das obras não é o tempo definido do ato de escrever mas o tempo indefinido da leitura e da memória. O sentido dos livros está na frente deles e não atrás, está em nós: um livro não é um sentido acabado, uma revelação que devemos receber, é uma reserva de formas que esperam seu sentido.. (GENETTE, 1972, p. 129).

O império das letras instaura-se no conto “A Biblioteca de Babel”. Este mundo à parte preocupa os seus criadores. Agora eles querem esclarecimentos sobre a sua origem e também a do tempo. Passam a nomear investigadores oficiais, os inquisidores. Livros preciosos tornaram-se inacessíveis e esta idéia afigurou-se intolerável. Outros queriam eliminar as obras inúteis “folheavam com fastio um volume e condenavam prateleiras inteiras: a seu furor higiênico, ascético, deve-se a insensata perda de milhões de livros”. (BORGES, 2001, p. 97).

Até uma superstição instaurou-se entre os homens: em alguma estante deve localizar-se o compêndio perfeito que deu origem a todos os outros livros. Um século foi gasto nesta busca infrutífera até que alguém propôs o método regressivo: para localizar o livro A, consulta-se o livro B, para se localizar o B, consultar o livro C e assim infinitamente. Contudo, a própria noção de uma biblioteca desmontável em sentido decrescente, determinaria uma noção de totalidade e não de finitude, pois “ao ser percorrida por um eterno viajante em qualquer direção, comprovaria, no final dos séculos, que os mesmos volumes se repetem em igual desordem”. (CARVALHAL, 2006, p. 126).

Se a mente humana tende à organização e sistematização do mundo em que vive, isto não se constata na perspectiva do cosmos. Segundo o conto “A loteria em Babilônia”, o acaso rege o mundo natural, contrapondo-se à lógica técnica e organizativa do ser humano. A febre de Babilônia é a previsibilidade e para tudo o que for acontecer, necessita-se de um sorteio. Tudo é previsível, nada acontecerá por acaso.

Borges nos leva a refletir sobre o mundo percebido pela nossa inteligência. Talvez ele não fosse um sonho que pouco tem a ver com a realidade em si? Não seria uma percepção criada pela nossa ansiedade existencial, traduzindo nossa agonia frente ao enigma do universo? Devido ao fato de jamais podermos encontrar a realidade objetiva, construímos nosso próprio labirinto e nosso próprio jogo. Esta é a admirável utopia proposta pela literatura de Borges: a possibilidade de encontrar no mito mais verdades que as verdades de nossa ciência. As normas estabelecidas para compreender a realidade são apenas relativas, uma entre muitas outras de abordar-lhes e dar sentido (GENETTE, 1972, p. 129).

**ABSTRACT:** *Fictions*, a superb piece of work, accredited “Borges” international fame. It enhances the thematic literature through a game of images and literary philosophical reflection. This work takes on the trip as a theme inherent to human condition, a being always ready to confront immediately reality. Through this aspect, a universe covered by the rationality, many times linked to sensations or rational logic, is visualized. Throughout this article five out of seven stories from the first part are analyzed. The author reviews the traditional notions of space and time portraying a new face of selfness gathering author and reader together in a new practice of impersonal writing.

**Key Words:** imagination, trip, memory, time, intertextuality

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Arte poética*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

ARRIGUCCI Jr. Davi. Borges ou do conto filosófico. In: BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. 3 ed. São Paulo: Globo, 2001.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d’Água, 1991.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. 3 ed. São Paulo: Globo, 2001.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

CARNEIRO, Flávio. *Entre o cristal e a chama*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

CARVALHAL, Tania Franco. Intertextualidade: a migração de um conceito. *Via Atlântica*. São Paulo: USP, jun/2006. n. 9, p. 125-136. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlc/posgraduacao/ecl/pdf/via09/Via%209%20cap10.pdf>>.

Acesso em: 30 jul. 2008.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Edición del IV Centenario. Madrid: Alfaguara, 2004.

GENETTE, G erald. A utopia liter aria. *Figuras*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 121-130.

JOSEF, Bella. *Jorge Luis Borges*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1996.

\_\_\_\_\_. Uma est tica da inteligência. *Jornal de Poesia*, Fortaleza, 1999. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/bjozef.html>> Acesso em: 27 mai. 2007.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

KRISTEVA, Julia. *Introdu o   semanálise*. Porto Alegre: L&PM, 1974.

LIMA, Luiz Costa. *História. Fic o. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras.

MACHADO, Ronaldo Silva. História e poesia na *Poética* de Aristóteles. *Mneme*. Natal: UFRN/CERES, v. 2, n. 3, fev/mar. 2001. Disponível em: <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/ed3/013>. Acesso em: 10 jun. 2008.

MONEGAL, Emir. R. *Borges: uma poética da leitura*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdu o aos estudos literários*. 2 ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

SANTOS, Ana Cristina dos. *A desintegra o dos limites: Borges e a pós-modernidade*. Florianópolis: 2004. Disponível em:

<[http://www.cce.ufsc.br/~lle/congresso/trabalhos\\_literatura\\_hispanoamericana/Ana%20Cristina%20dos%20Santos.doc](http://www.cce.ufsc.br/~lle/congresso/trabalhos_literatura_hispanoamericana/Ana%20Cristina%20dos%20Santos.doc)>. Acesso em: 27 mai. 2007.

SCHNEIDER, Michel. *Ladr es de palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.